

REVISITANDO A OBRA POÉTICA DE RUY PÓVOAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Maria
Laura Oliveira
Gomes¹

Escriver é um ato de doação e de entrega, sobretudo quando esta escrita é marcada pela emoção, sensibilidade e observação. A obra ficcional, seja em verso ou prosa, é fruto de uma imersão do autor na sociedade em que vive, portanto, traz em seu bojo as inquietações, realidades e aspirações dos seres humanos que são materializadas em construções metafóricas, imagéticas e linguísticas.

[1] Professora do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade de Santa Cruz – UESC. *E-mail:* <logo66@oi.com.br>.

Seu projeto estético é exatamente o reflexo da sua existência ética: coerência e fidelidade integram os dois mundos que sempre habitou

A partir daí, começa o trabalho intenso de criação. Muitos são os caminhos a percorrer e muitas as inquietações e estranhamentos a processar. Caminhadas atentas, observações pontuadas, olhar sempre voltado para as coisas e acontecimentos, circunstâncias que, na maioria das vezes, passam despercebidas para as demais pessoas, menos para o poeta que apesar de livre, sempre se encontra em estado de alerta e vigília.

Nem sempre, a busca pela obra concluída é uma tarefa fácil: pode resultar da combinação ou do embate de vários fatores, que vão desde a consagração dos cânones vigentes, à transgressão de formas e conteúdos. Enfim, tudo é feito na luta para achar as melhores rimas, ritmos, imagens e palavras que possam tra-

duzir de forma ideal os sentimentos do autor, a fim de que “a unidade do ser se funda com a unidade do ser no mundo”².

No entanto, toda a arte e, em especial, a poesia, deve ser livre das amarras e ditames, a fim de que os sujeitos não padeçam ou se atrofiem nos estertores das convenções e conveniências impostas. O poeta, assim como o mago, retira do âmago da existência o artefato natural do seu fazer, diferentemente dos cientistas, filósofos ou sábios. Para estes a matéria prima pode advir dos estudos e conhecimentos gerados por eles ou por outros. O poeta, no entanto, usa somente as suas pertenças e em razão da autonomia que possui, muitas vezes, retira as palavras de uma imobilidade dicionarizada com intuito de dar-lhes um novo sopro de vida e significado, transitando por um código linguístico especial.

As palavras são seres caprichosos como já dissera Carlos Drummond de Andrade, e sabendo dessa condição, o poeta não deve se curvar aos seus desígnios e exigências, ao contrário, deve trazê-las para junto de si, através do jogo da sedução e do encantamento, a fim de que o poema aconteça livremente e

nos traga à tona a recordação, a rememoração de algo que logo será transmutado.

A linguagem da poesia é gestada no seio da sociedade, para lá retornando, a fim de que haja, neste momento, a celebração e o compartilhamento sob a forma de imagem, linguagem, ritmo e, por fim, a materialização da obra poética.

Essa linguagem, às vezes, apresenta-se comedida, às vezes, irressignada e, quando isto acontece, é porque as comparações e metáforas não se aproximaram das palavras, ao contrário, as rejeitam de tal forma, que oportunizaram a criação de uma nova realidade, agora, já redimensionada.

Isto posto, faremos algumas considerações sobre o fazer poético de Ruy Póvoas.

Neste trabalho, nos propomos a fazer reflexões sobre o processo e as estratégias de criação poética da obra de Ruy do Carmo Póvoas, tomando como base, as obras, *Vocabulário da Paixão* e *VersoReverso*. Antecipadamente, alertamos que o objetivo dessa análise não é esgotar todas

[2] PAZ, Octávio. *O arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 63.



as possibilidades de leituras e interpretações da fortuna literária do autor, mas tão somente, tecer algumas considerações teóricas a partir das abordagens propiciadas por Jauss³ e Paz⁴.

Ruy Póvoas nasceu em Ilhéus, Bahia, mas mudou-se para Itabuna, cidade vizinha, ainda jovem, aos 25 anos de idade, até hoje aí residindo. Ali foi recebido, acolhido e respeitado por todos, em função dos trabalhos relevantes prestados à comunidade regional.

Ao chegar a Itabuna fora indagado: o que sabe fazer? Ensinar e escrever, respondeu pron-

**Sua poesia, na
essencialidade,
seduz os leitores
pelo que representa
como repositório
de memórias, de
esperanças, de
agonias, de certezas e
incertezas**

tamente e, assim acontece até o presente momento, momento em que comemora os 70 anos de idade. É um educador nato e um escritor de referência.

É poeta, contista, romancista e ensaísta da nação grapiúna, terra fértil e pródiga em artistas de todos os matizes. Itabuna, em particular, por esse motivo, já foi chamada, por outro grande poeta da Região Cacaueira, Telmo Padilha, como a Atenas da Bahia.

[3] JAUSS, H. R. **Por uma estética da recepção**. Paris: Gallimard, 1990.

[4] PAZ, Octávio. **O arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

**Poeta de grande
sensibilidade e
perspicácia, seu
texto poético ora
corre livre como o
brotar de uma fonte
com ritmo e rimas
claras, ora é revelado
em intertextos,
aliterações e
metáforas complexas,
exigindo leituras
atentas e mais
reflexivas**

Ruy é um homem do seu tempo e fiel ao discurso produzido, seja em verso ou em prosa, uma vez que consegue imprimir marcas e influências indeléveis no seu inventário literário. Isso é resultado plausível do seu fazer-viver, dos lugares por onde andou, demonstrando no discurso o que na prática conseguiu construir a partir das aspirações,

vontades e desejos, pois se coloca sempre em suas obras como interlocutor fiel de um povo que representa fidedignamente.

Seu projeto estético é exatamente o reflexo da sua existência ética: coerência e fidelidade integram os dois mundos que sempre habitou. Nunca deixou que um invalidasse o outro, ao contrário, desde cedo, conforme relato pessoal, sempre buscou com sabedoria transitar e transmitir os valores e crenças desses dois universos: o herdo do pai (dos brancos, da formalidade e do gosto pelas leituras por ele oportunizadas) e o da mãe (de origem nagô; da informalidade, da alegria e da sua verdadeira atração existencial e religiosa). Mundos aparentemente opostos, mas que o autor conseguiu fazer uma clivagem extraordinária de resultados, percebendo, nitidamente, as vantagens e vicissitudes de cada um no caminho que tinha a percorrer.

Sua poesia, na essencialidade, seduz os leitores pelo que representa como repositório de memórias, de esperanças, de agonias, de certezas e incertezas. Toda a matéria prima deste fazer literário traduz-se na liberdade de criar, na contingência do destino da escrita e na

atemporalidade dos seus temas que, ainda que se mostrem recorrentes, jamais serão iguais ou idênticos a outros. Serão únicos e universais, porque são de todos em qualquer lugar ou tempo histórico.

Poeta de grande sensibilidade e perspicácia, seu texto poético ora corre livre como o brotar de uma fonte com ritmo e rimas claras, ora é revelado em intertextos, aliterações e metáforas complexas, exigindo leituras atentas e mais reflexivas. Em algum momento, o texto passa ao leitor sinais indiciários de uma composição sofisticada, em palimpsestos, onde várias camadas de escrita se superpõem. Por vezes, é a tradição africana, as dores da alma, os encantos e desencantos do mundo, ou até, o registro do cotidiano que permanece como pano de fundo ou resquício de antigas escritas. É com esta tessitura bem urdida que o leitor percebe o processo de criação das suas obras mais expressivas, seja em forma de poesia ou de prosa.

Em *Vocabulário da Paixão*, o autor tece pacientemente todas as teias da paixão, sentimento arrebatador que caminha pelos meandros da alma humana, recolhendo nos abismos mais recônditos dos seres,

a inquietação, a angústia, a solidão, o afeto e os desalentos que movem os homens.

Nesta obra, bem como em *VersoReverso*, a tarefa de criação, como dito anteriormente, é jornada de muitas etapas. Muitos são os elementos que constituem tal empreitada. As escolhas das capas e epígrafes são primorosas porque se destacam como elementos perigráficos norteadores, ou instrumentos funcionais importantes, na medida em que a visão em prospectiva do desenvolvimento textual se faz em conjunto. Nada é aleatório no processo de construção.

A ilustração da primeira obra, *Vocabulário da Paixão*, é feita a partir de verbetes dicionarizados que dão título ao livro em análise, exibindo, para tanto, as entradas e os múltiplos significados emprestados aos dois vocábulos. Destaca-se a grafia atípica de um X, em posição invertida, conotando um novo significado à letra e remetendo, por conseguinte, à imagem de uma cruz, um dos significados registrados para a palavra Paixão.

Há ritmos e musicalidade nos poemas, recursos advindos da repetição de palavras ou letras iniciais, mediais, finais e aliterações, como se percebe no poema *Natal*:

*De Natal, minha noite,
Sem sinos, sem nozes,
Sem missa do galo,
Sem hinos, sem vozes,
somente as paredes de
um quarto vazio...
Sem pai, sem mãe,
sem irmão, nem irmã...
sem vizinho, sem sono,
sem som, sem amor...⁵*

Tais poemas são ingênuos e assemelham-se, muitas vezes, às formas mais simples e puras das cantigas, preces ou ladinhas. Os temas abordados são devidamente agrupados e vão desde o cotidiano das pessoas, as inquietações de um jovem professor (Palavras Críticas) às experiências de um *iaô* (Palavras Negras), de um adolescente (Palavras Ingênuas) ou de outros personagens que habitam o seu imaginário. Os poemas (Palavras Negras) que tratam da cultura nagô são embleáticos, pois mostram a força reveladora da vivência do autor com esta matriz cultural. Os poemas se agigantam pela verdade e emoção neles contidos, a exemplo de Oxossi, Oxum, Padê, Oxalá, onde a essência de

cada divindade se faz presente com os seus instrumentos, ritos ou indumentárias. Desta forma, as imagens evocadas pela memória do autor se materializam e ganham novos destinos com a recepção dos leitores. As interpretações ficam por conta dos leitores e de acordo com o seu horizonte de expectativa, segundo Jauss⁶.

Os poemas referidos são tão reais que podemos ouvir o toque hipnotizador dos tambores e atabaques como afirma Jorge Araújo⁷, o vento que anuncia tempestades, a mata com seus habitantes, a devastação e os desequilíbrios atuais, o fogo e as águas que vão imprimindo ritmo e imagens simbioticamente construídos, sem falar, nos poderes encantatórios das divindades, daqueles que amenizaram as dores do mundo e dos seus descendentes expatriados em diásporas. E assim se manifesta o poeta que nos lega o seu cântico de saudação e reverência ao poder da divindade:

[5] Póvoas, Ruy do C. **Vocabulário da Paixão**. Ilhéus: /FESPI/CEPLAC, 1985. p. 20.

[6] JAUSS, H. R. **Por uma estética da recepção**. Paris: Gallimard, 1990.

[7] ARAÚJO, Jorge de S. Cacao Letras. Itabuna. nº 1, ago. 1985.

Oxalá
Oxalá, meu Pai-Velho,
Senhor da Paz,
Rei o Alá
E Pai do Amor,
acorda este povo
da indiferença,
que dorme o sono
de profundo torpor
[...]⁸

A poesia está impregnada permanentemente de temas referentes ao fascínio que a cultura popular confere, ou seja, o autor cumpre poeticamente aquilo que está preconizado teoricamente pela verdadeira arte moderna, juntar em todas as coisas a essência de si mesmo e de todo o mundo. Há no poeta uma busca permanente da essência no cotidiano da sua gente e de suas pertenças, por isso, recorre às falas e aos conselhos dos mais-velhos, e até aos seus provérbios. Vale ressaltar que esses textos pertencem à literatura de transmissão oral cuja circulação é feita de geração em geração. É nessa perspectiva que o poeta diz:

QUEM canta seus
males espanta,
Então, sentei-me a
cantar,
cantando coisas à toa,
baladas, hinos e loas,
para meus males
espantar.

QUEM com porcos se
mistura farelos come,
comecei fome a passar,
correndo sempre dos
porcos,
com medo de me melar,
mas desejando farelos
para minha fome matar.

QUEM diz o que quer
ouve o que não quer.
Obrigaram a me calar,
não mostrar meus
sentimentos,
sentir sem poder falar ...⁹

Em *VersoReverso* (2003), segundo livro de poesias do autor, a capa estampa uma moldura com arabescos dourados, simbolizando um adereço (que se presta para adornar um espelho, quadro, retrato, paisagem ou tudo que possa nele es-

tar contido), portanto, é o verso e o reverso proposto no título. Merecem destaques as concepções gráfica e estética vanguardistas, no momento em que o processo criador se mostra claro nas propostas definidas em suas estruturas, revelando as faces de uma mesma moeda, de realidades indissociáveis. Inegavelmente, o autor arquiteta engenhosamente os textos, organizando-os em grupos e de acordo com os temas abordados. Essa aparente racionalidade não interfere na liberdade do processo criador, ao contrário, revela um aspecto de representação própria (o autor assume papel predominante no texto em todas as suas ações) apesar disso, o real continua a ser redimensionado.

Na obra, o sagrado e o profano; a angústia e a certeza; a felicidade e a infelicidade; os amores e desamores exprimem a dualidade que tão bem caracteriza o mundo real. O sentimento que permeia a obra é a de circunstâncias próximas, palpáveis e factíveis no mundo dos homens.

[8] Póvoas, Ruy do C. **Vocabulário da Paixão**. Op., cit. p. 21.

[9] Póvoas, Ruy do C. **Vocabulário da Paixão**. Op., cit. p. 35.

O texto vai sendo construído em uma projeção especular, porque ora reflete ora é refletido; ora é único ora é múltiplo e assim, com arte, “a poesia nossa de cada dia vai sendo delineada, através das palavras, imagens, ritmos, rimas e temas.” No poema *Ingenuidade*, o poeta nos diz:

*Veio vindo, sorrateira...
veio vindo devagar...
Encolhida pelos cantos,
envergonhada de si,
não sabia nem falar
Mal passou pela cortina,
gritou alto:
É um assalto!
Passe a vida para cá...¹⁰*

O poeta é observador atento e, no jogo silencioso da fala, esboça o sorriso, a observação perspicaz do cotidiano, e como não poderia deixar de ser, também registra a face melancólica das dores humanas, profetizando com sabedoria aquilo que vivenciou:

*Fica a face apedrejada
Pela palavra proferida,
Mas a boca apedrejante,
Fica também ferida (...)¹¹.*

O poema acontece com a seleção harmoniosa das metáforas, aqui consubstanciadas “como espécie de vício tolerada pela razão” na dicção de Lima (1989)¹² e na construção de imagens traduzidas da essencialidade do cotidiano, do Verso-Reverso da vida, da pátina e da ferrugem que o tempo passa a imprimir na existência de pessoas e coisas. Isso pode ser contemplado quando o poeta diz:

*A pia do tempo
Pingava ferrugem,
Esquecida no canto,
Sem serventia.
Olhos de espanto
avistaram a pia,
gritando ao mundo:
a pia é o homem
e o homem é a pia.*

*A ferrugem do tempo
pingava da pia,
e a boca assombrada,
num riso acanhado,
sofrendo, dizia:
“Achei a metáfora,
ferrugem do homem,
no canto da pia”¹³.*

No grupo das mandalas, os poemas são reveladores dos homens. Os filhos de cada um dos elementos constitutivos da natureza (terra, água, ar, sol, fogo) se reconhecem nos enunciados poéticos e, por isso, devemos respeitá-los e observá-los em suas características para alcançar uma verdadeira compreensão de sua identidade, objetivando, entre outras coisas, uma convivência social saudável e produtiva.

No texto *Grapiúna* vê-se a evocação de um elemento integrante do imaginário de todos, de todas as cidades, vilas ou aldeias: o rio, o rio da memória, o mesmo Rio Cachoeira de outros poetas regionais. O elemento gerador da poesia é o mesmo: é singular e plural; é local e universal. Não é qualquer rio, mas o rio de sua aldeia, como afirmava Fernando Pessoa, ou seja, é o mais importante de todos, pois lhe pertence em toda a sua plenitude. Esse é um rio local, mas o tema e as circunstâncias

[10] Póvoas, Ruy do C. *VersoReverso*. Ilhéus: Editus, 2003, p. 23.

[11] Id., *ibid.*, p. 32.

[12] LIMA, Luis Costa. *A aguarrás do tempo*. Estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

[13] Póvoas, Ruy do C. *VersoReverso*. Ilhéus: Editus, 2003, p. 42.

são universais e atemporais, daí a sua permanência no imaginário popular, pois as outras vozes se tornam também nossas a partir da intercessão do poeta.

O ato de criar no autor é dual, está impregnado dessas várias facetas (verso/reverso) que a vida lhe designou. E como sempre teve as pertencas de dois mundos distintos, soube carregá-los muito bem ao longo de sua existência, desempenhado com responsabilidade e apreço o que lhe fora confiado pelos seus ancestrais.

Racionalizar opostos parece ter sido a grande tônica na vida de Ruy Póvoas, e a sua grande missão. O mundo dos brancos (da formalidade; do saber institucionalizado da academia e da vocação de mestre e educador) a um tempo; em outro, o mundo dos nagôs (dos folguedos, alegrias; do saber intuído, oralizado e da missão recebida por herança e desígnios dos ancestrais, antes mesmo do seu nascimento). Assim é Ruy do Carmo Póvoas: professor, babalorixá, poeta e prosador das terras grapiúnas, esse mago sintetizador do verso e do reverso da vida.



Foto 61: acervo Kãwé